

Modelos globais

Manuel Cambeses Júnior^a

Resumo: Os diversos modelos globais, que se manejam nos dias atuais, encontram-se em uma escala de graduação que abarca desde o acendrado otimismo do "Fim da História" até o acentuado pessimismo dos cultores do caos. A verdade deve encontrar-se em algum ponto intermediário entre os dois extremos e deve incluir boa parte das ideias sustentadas por cada um dos paradigmas apresentados. Em mais essa contribuição no campo da Geopolítica, rendemos uma homenagem póstuma ao coronel aviador Manuel Cambeses Júnior, recentemente falecido e que deixou um legado de pensamento geopolítico e estratégico.

Palavras-chave: Geopolítica, guerra fria, modelos globais.

O termo Guerra Fria foi cunhado por Bernard Baruch, um renomado economista norte-americano, e popularizado pelo célebre jornalista Walter Lippman. Entre 1945 e 1989, a ordem mundial encontrou-se regida pelas normas definidas pela Guerra Fria. Nestas condições o planeta ficou dividido em dois grandes blocos enfrentados em uma intensa competição pela supremacia.

Quando acompanhávamos os acontecimentos na Nicarágua ou em El Salvador, nos anos 80 do

século passado, por exemplo, podíamos não estar entendendo, muitas vezes, as raízes desses conflitos, mas os situávamos dentro de um marco de referência bastante conhecido. Sabíamos que se tratava de mais um capítulo da Guerra Fria. Neste sentido, a mesma constituía-se em modelo.

O termo "modelo" encontra-se na moda em nossos dias. Na essência, este pode definir-se como uma visão simplificada do mundo e que busca proporcionar um sentido de direção. É exatamente por isso que

^a Coronel Aviador. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Este artigo é publicado *in memoriam*, em homenagem ao autor.



ao enquadrar-se qualquer conflito regional, qualquer enfrentamento étnico ou cultural, dentro do contexto de uma competição entre as superpotências, a Guerra Fria passou a assumir o caráter de "modelo".

Com a queda do Muro de Berlim sua preeminência desapareceu. A partir desse momento, apareceram novos paradigmas disputando o lugar que durante 45 anos correspondeu ao período da bipolaridade mundial.

O primeiro dos modelos surgidos à luz do esfacelamento da União Soviética e também o mais simplista deles foi o proclamado no livro de Francis Fukuyama *O fim da História*. De acordo com o autor, o mundo estava chegando a um ponto definitivo em seu processo evolutivo, como resultado da homogeneização de valores e crenças. O duplo triunfo da democracia e da economia de mercado passaria a unificar as diversas regiões do planeta, brindando-lhes com um claro denominador comum.

Ainda que esse modelo tenha sido questionado por seu excessivo

otimismo, são muitos, ainda, os que creem que, com a imposição dos valores da economia de mercado e da democracia, o mundo está se voltando para um lugar muito mais seguro e apto para a prosperidade ilimitada.

Outro dos modelos que surgiram com o ocaso da Guerra Fria diz respeito ao aspecto cultural. Seu máximo expoente é Samuel Huntington, para quem "a cultura e as identidades culturais estão dando forma aos padrões de coesão, desintegração e conflito no mundo pós Guerra Fria [...] e as políticas globalizadas estão sendo reconfiguradas ao redor de linhas culturais". Com diversas variáveis e matizes, este paradigma cultural é também esposado por autores como Lawrence Harrison, Thomas Sowell, Roger Peyrefitte e Benjamin Barber.

Muito curiosamente o próprio Fukuyama, após haver divulgado sua teoria, parece ter acolhido com simpatia a este outro modelo. Já em seu livro *Confiança*, surgido em 1995, o autor reconsidera muitas de suas ideias e convicções



sobre a homogeneização dos valores para concluir que o mundo continua sendo um lugar marcado pela diversidade de culturas e, portanto, de valores.

Entre os modelos emergentes encontramos o denominado "Dois Mundos". Este pretende explicar a orientação dos novos tempos sob a ótica de "zonas de paz e prosperidade" e "zonas de conflito e regressão". Baseado nele, caíam todas aquelas teorias que visualizavam o mundo a partir de uma clara linha divisória entre países e regiões que marcham para cima e os que caminham para baixo.

Entre aqueles que sustentam este pensamento, encontram-se autores como Robert Gilpin, Jacques Attali e Jean Christophe Rufin. O primeiro profetizou sobre um mundo formado por algumas poucas ilhas de riqueza em meio a um mar de pobreza global. O segundo referiu-se ao surgimento de um "Novo Muro de Berlim" entre a prosperidade crescente do mundo industrializado e a miséria irreversível do terceiro mundo. O último assinala que, entre os hemisférios

Norte e Sul, não existe articulação possível e que são duas esferas totalmente divorciadas que se movimentam em direção contrária.

Outro dos novos modelos é o do "Caos". Segundo essa visão, o mundo está adentrando em uma era de quebra da autoridade governamental, de crises e secessão dos Estados; de intensificação dos conflitos étnicos, tribais e religiosos; de consolidação das máfias criminais internacionais; de proliferação indiscriminada de armas de destruição em massa; de expansão do terrorismo e de generalização de migrações massivas.

Entre os que sustentam esta tese encontram-se autores como Walter Saqueur, Patrick Moynahan, Zbigniew Brzezinski e Michael Klare. A diferença fundamental entre os apologistas desta linha e dos que esposam as ideias contidas no modelo dos "Dois Mundos" é que para uns o caos é seletivo enquanto que, para outros, é global.

Os diversos modelos, que se manejam nos dias atuais, encontram-se em uma escala de gradua-



ção que abarca desde o acendrado otimismo do "Fim da História" até o acentuado pessimismo dos cultores do caos. A verdade, como ocorre, deve encontrar-se em algum ponto intermediário entre os dois extremos e deve incluir boa parte das ideias sustentadas por cada um dos paradigmas apresentados.